



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v27n02/2019p153-174>

**PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA NA SALA DE AULA E OS
 MODOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS COM O LUGAR EM QUE
 VIVEM**

**READING AND WRITING PRACTICES IN THE CLASSROOM AND
 MODES OF IDENTIFICATION OF THE SUBJECTS WITH THE PLACE THEY
 LIVE**

Débora da Cruz Lima¹
 Sandra Raquel de A. Cabral Hayashida²

Recebimento do texto: 20/10/2019

Data de aceite: 10/11/2019

RESUMO: Este texto inscrito na perspectiva da Análise de Discurso francesa, filiada a Michel Pêcheux, na França, e à Eni Orlandi, no Brasil e de outros pesquisadores, apresenta um projeto de intervenção pedagógica, desenvolvido em uma turma de 7ª ano do ensino fundamental da E. E. Maria Miranda Araújo, localizada em Guariba, distrito do município de Colniza-MT. O objetivo principal desta intervenção foi o de desenvolver práticas de leitura e de escrita, na perspectiva discursiva, sobre o distrito de Guariba e, dessa maneira, compreender os processos de identificação dos sujeitos com o local em que vivem. Trabalhamos no sentido dos alunos assumirem uma postura diferente frente ao texto, de forma que foram questionadas as diversas maneiras dos textos significarem, rompendo assim com o tradicional trabalho com a gramática e metalinguagem no desenvolver das práticas de ensino nas aulas de Língua Portuguesa. No final do trabalho os alunos produziram um vídeo documentário sobre Guariba-MT. Pudemos perceber pelas análises das produções dos alunos, que eles assumiram-se autores e, enfrentando a responsabilidade que vem com essa assunção, saíram então de uma escrita mecânica apenas na e para a escola.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de linguagem; Escola; Cidade; Autoria.

ABSTRACT: This work is affiliated with the perspective of the Discourse Analysis of Michel Pêcheu, in France, Eni Orlandi in Brazil and other scholars, and it presents a pedagogical intervention project developed with the 7th grade students of the “Maria Miranda Araújo” Elementary State School based in the town of Guariba, district of the municipality of Colniza in the State of Mato Grosso. The main goal of the intervention was to build reading and writing practices through the discourse perspective on the District of Guariba and, thus seek to understand the identification process of the subjects with the places where they live. We worked to have the students take a different attitude with regard to the text, encouraging questions on the various meanings texts can have, breaking with the traditional work with grammar and metalanguage in developing teaching practices in Portuguese language classes. At the end of the work the students produced a documentary about the District of Guariba. The analysis of the students’ work suggests that they took on the authorship role and, by undertaking the responsibility of this role, they emerged from a mechanical writing carried out only in the for the school.

KEYWORDS: Language Practices; School; City; Authorship

¹ Mestra em Letras, pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Unidade UNEMAT/Cáceres-MT. Professora da Escola Estadual Maria Miranda Araújo, Guariba-MT.

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, Professora do Programa de Mestrado Profissional em Letras, Unidade UNEMAT/Cáceres-MT. Pesquisadora do CEPTEL.



1. Introdução

Neste artigo nos propomos a apresentar um projeto de intervenção pedagógica em Língua Portuguesa, desenvolvido junto ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), Unidade UNEMAT/Cáceres-MTⁱ. A proposta foi desenvolvida na perspectiva teórica da Análise de Discurso de linha francesa e realizada em uma turma de sétimo ano do ensino fundamental na E.E. Maria Miranda Araújo de Guariba, distrito de Colniza, Mato Grosso. O nosso objetivo é mostrar um pouco do processo discursivo em que se desenvolveu a intervenção, trazendo reflexões sobre o ensino de língua e questões teóricas que sustentam o projeto, ou seja, apresentamos apenas um recorte de um trabalho maior realizado no mestrado.

A turma do 7º ano foi escolhida por ser a que inicia o terceiro ciclo do ensino fundamental e por ter alunos do centro e dos sítios, sendo a maioria deles migrantes ou filhos de migrantes da região. Antes da elaboração do projeto, visitamos à turma e desenvolvemos com eles uma atividade, em que tratamos das origens desses alunos, de onde eles e suas famílias vieram para morar em Guariba. Através desse contato, percebemos que a migração afetou a maneira como eles se relacionavam com o local em que vivem. Isso ocorria de tal maneira que se referiam a Guariba de maneira pejorativa: fim de mundo / buraco / lugar em que Judas perdeu as botas / pesadelo / lugar feio. O uso desses termos nos chamou a atenção, e percebemos neles uma resistência em se sentirem como pertencentes a Guariba. Percebemos, assim, que esse tema poderia ser um produtivo caminho a ser trilhado discursivamente nas aulas.

Desse modo, a proposta consistiu em possibilitar ao aluno um estudo sobre Guariba com o intuito de construirmos com eles um percurso da sua história, representada na história do local em que vivem e isso investindo em práticas que levassem a um aprimoramento da leitura e da escrita. Ao desenvolver um trabalho com a linguagem que tematiza a cidade, buscamos constituir um pequeno arquivoⁱⁱ de leitura com alunos para que eles pudessem produzir um documentário sobre Guariba, dando visibilidade ao local e possibilitando alguns outros modos deles verem e compreenderem e se relacionarem com o lugar em que moram.



2. O distrito de Guariba

Guaribaⁱⁱⁱ é um distrito que pertence ao município de Colniza, Mato Grosso, uma cidade que passou por um processo de ocupação de terras nos anos 70 e visava a distribuição de terras às famílias de agricultores que vinham do sul do país. Com isso, a região conta com um grande número de pessoas advindas do Paraná e do Rio Grande do Sul, pois o cadastramento para a distribuição de terras se firmou principalmente nesses dois estados brasileiros.

A localização fronteiriça de Guariba com dois outros estados, Rondônia e Amazonas, oportuniza uma migração bem acentuada, principalmente por estar mais perto de algumas cidades de Rondônia. A capital de Rondônia, Porto Velho, por exemplo, é mais perto que a capital, Cuiabá. É importante mencionar que Rondônia também participou do mesmo processo de ocupação de terras que foi desenvolvido no norte de Mato Grosso, ou seja, ambas as regiões foram marcadas pela base cultural sulista em comum.

Juridicamente, Guariba é um distrito, uma subdivisão de um município e tem como sede uma vila que é um povoado de maior concentração populacional (PINA, 2008). Entretanto, deixando as concepções da geografia urbana, passaremos a olhar este espaço como sendo o espaço urbano de Guariba, de maneira que o trataremos como espaço material concreto que funciona como sítio de significação que demanda gestos de interpretação particulares (ORLANDI, 2012). Tomamos então Guariba pela sua territorialidade, aqui considerada através da percepção do controle das ações, de uma área, de seus objetos e sujeitos, assim, aliamos sujeito/espaço/linguagem/acontecimento (ORLANDI, 2010).

Conforme Orlandi (2004, p. 11),

No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica etc. O corpo social e o corpo urbano formam um só (2004, p.11).

Como se observa, a relação sujeito e espaço urbano é uma relação constitutiva como se um existisse para/pelo o outro. Nessa perspectiva teórica, a cidade é sempre uma questão de determinação e nada pode ser pensado sem ela.



Guariba se constitui por um centro formado por casas comerciais, residenciais incluindo algumas instituições públicas e também por vários sítios e fazendas que ficam nos arredores do centro. Em se tratando de estrutura, Guariba conta com o básico para a subsistência da população local, tal como comércio local ativo em diversos ramos; pronto atendimento hospitalar; escolas^{iv}; diversas empresas de extração de madeira, o que garante emprego a boa parte da população do local; transporte regular entre o distrito e Colniza, a sede do município; suporte energético com base em uma central geradora de energia; entre outros. Há também, em crescimento, um comércio forte de bovinos, isso devido ao grande número de sítios e fazendas, na região.

Em Guariba, percebemos que há uma relação de não rigidez entre o urbano e o rural, pois, por sua localização distante, ele é considerado como zona rural em relação à sede do município, porém no centro do distrito temos percebido traços de urbanização que são comuns às cidades. Não obstante, Guariba possui sua própria zona rural, que é formada pelos sítios, chácaras e fazendas que pertencem ao distrito. Percebemos uma presença do urbano no espaço rural de Guariba, Payer (2003, p. 96) ao se referir a existência da presença do rural no espaço urbano, diz que,

a oposição entre campo e cidade não é tão categórica, sendo da ordem do imaginário: “faz parte do imaginário de nossa formação social a distinção entre o urbano e o rural. A essa distinção inscrita em nosso social se ligam efeitos de sentidos constitutivos dessa diferença discursiva (PAYER, 2003, p. 99).

A oposição entre rural e urbano, muitas vezes resulta em um preconceito em relação àquilo que não é urbano, colocando-se assim o campo como o “outro da cidade”, de maneira que a ele se agregam sentidos de precariedade, atraso social, antiguidade. Nesse sentido, Payer (ibidem, p. 101) afirma:

Um imaginário urbano sobre um campo estereotipado, de largo predomínio dos discursos públicos no espaço urbano, pode contribuir significativamente, portanto para certos entraves no processo de adaptação do migrante nas condições urbanas. (...) Com isso, o trabalho de memória dos sujeitos da própria cidade perde consideravelmente.

É assim que percebemos o sujeito que reside em Guariba, envolvido nesse processo de transição pelo qual passa o distrito. Esse mesmo sujeito relaciona-se com o espaço que ocupa e o transforma na medida desse relacionamento, descartando a oposição



rígida entre urbano e rural, mas convivendo com duas possibilidades de compreensão do espaço.

3. Um olhar discursivo sobre o ensino de língua

Este trabalho que propomos desenvolver nasce, sobretudo, como uma possibilidade de mudança de perspectiva em relação ao que vem sendo desenvolvido com leitura e escrita em sala de aula, que em sua maioria é voltado para reprodução de conceitos gramaticais e também para a contenção dos sentidos, como se eles fossem prontos e acabados nos textos. Nossa inquietação foi a de proporcionar um trabalho escolar com a língua de maneira que fizesse sentido para o aluno. Assim, buscamos, na disciplina de Língua Portuguesa, questionar as posições comumente ocupadas tanto pelos alunos, quanto pelos professores, dentro da estrutura (também questionada) da escola. Uma vez que, como pesquisadoras, seria preciso um deslocamento da prática docente assumida. Gallo (1990, p. 25) orienta:

Quando um professor está ensinando seu aluno a escrever, qual é o conceito de escrita sobre o qual ele se apóia?; quais são as convicções teóricas que orientam sua prática?; como ele elabora a relação teoria-prática?; como ele trabalha, por exemplo, o que é discursivo e o que é textual na linguagem?

A autora levanta questões importantes que o professor tem que procurar responder. A depender da teoria que o professor se inscreve, ele vai desenvolver um trabalho com a leitura e a escrita. Desse modo, o trabalho que propomos se inscreve na perspectiva da Análise de Discurso, introduzida por Pêcheux, na França, e desenvolvida por Orlandi e outros pesquisadores, aqui no Brasil. Essa teoria se propõe a interrogar a interpretação (ORLANDI, 2012), buscando questionar o fato, o real, o posto e aceito; busca olhar além das aparências, além da naturalização dos sentidos, entendendo o texto como multidimensional enquanto espaço simbólico (ORLANDI, 2007, p. 11). Procura-se fugir do comum: “o que o autor quis dizer?”, como se o sentido estivesse posto, dado pelo autor, uma vez que compreende que a língua e o sujeito se constituem pela sua incompletude. Assim é preciso que o trabalho com a leitura em sala de aula dê voz aos



alunos para que eles, juntos, construam seu percurso de aprendizagem e para que este aprendizado seja para além dos muros da escola.

Uma questão muito importante no início foi compreender, com Orlandi (2012, p. 110), um norte para o trabalho:

Assim como para o aluno, o conhecimento não vem pronto, mas é, ao contrário, um processo (da elaboração do qual ele faz parte fundamental) também para os que produzem conhecimento, programas e métodos de ensino, existe um processo e uma divisão de trabalho. Nessa divisão do trabalho, cabe ao professor, que está diretamente comprometido com a atividade pedagógica, a elaboração de uma etapa crucial da divisão de trabalho: propiciar, pela ação pedagógica, a sua transformação e a do aprendiz, assim como da forma de conhecimento a que tem acesso.

Diante disso, queremos destacar duas compreensões importantes, o conhecimento é um processo, não vem pronto nem para o professor nem para o aluno. E a outra coisa é sobre a divisão do trabalho, em que cabe ao professor proporcionar a sua transformação e a de seu aluno mediada pela ação pedagógica. Isso impõe ao professor dupla função, a sua própria transformação como professor e a do seu aluno como sujeito. Desse modo, esse trabalho abre essa possibilidade, uma vez que possibilita colocar o professor em uma dada perspectiva teórica, que a partir deste lugar prepara suas aulas, selecionando com seu gesto de interpretação materialidades significantes^v para construir um arquivo de leitura a ser trabalhado com o aluno, e pensando a língua desse lugar, propõe aos alunos, justamente, esse deslocamento, a língua e a sua historicidade constitutiva.

Preocupados com o aprendizado dos alunos, muitas vezes modificamos a didática para envolvê-los no processo. No entanto, quando se pensa na formação do aluno da educação básica não é um pedagogismo^{vi} que vai resolver o processo de ensino e aprendizagem de uma língua, mas uma mudança de inscrição teórica do professor frente às concepções de língua/linguagem, procurando trabalhar com uma concepção que compreenda que sujeito e língua se constituem mutuamente, ambos em sua relação constitutiva com a história.

Essa perspectiva não trabalha com a língua como sistema abstrato, nem se separa forma e conteúdo, porque compreende a linguagem como estrutura e acontecimento (ORLANDI, 2007 p. 12). A língua, então, sob este olhar teórico, tem sua ordem própria,



ela está no mundo com as suas maneiras de significar, e é nesse movimento vivo, enquanto trabalho simbólico, que ela é parte constitutiva do homem e de sua história. É a língua que possibilita o discurso.

Para estabelecer uma relação entre essas concepções e o trabalho pedagógico com a língua na escola, é necessário perceber que a contribuição da Análise de Discurso para o ensino é, justamente, problematizar a noção de leitura, e aqui tomamos o trabalho com a leitura como nosso ponto de partida.

A relação, então, com a língua passa a ser uma relação com a significação, não temos como não interpretar (ORLANDI, 2015). Para uma reflexão que busca ressignificar o fazer docente, Orlandi (Ibidem p. 07) propõe:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente. Estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar.

A Análise de Discurso é um dispositivo de leitura que coloca em questão diferentes maneiras de ler e que busca questionar a leitura contenedora, o que faz com que o fato de tornar-se leitor, nessa perspectiva, é constituir-se no jogo dos sentidos, pego na evidência das interpretações (LAGAZZI, 2007).

As relações entre leitura e o espaço escolar se dão em uma formulação com base em uma textualidade estritamente verbal escrita, assim as relações humanas se institucionalizam através desse contato com o texto que é dado pela escola, então precisamos pensar a leitura que é trabalhada no ambiente escolar. Sobre o ensino da leitura na escola, Indursky (2011, p. 176) orienta:

Seria importante que tanto o professor quanto o aluno soubessem que leitura não é uma questão de tudo ou nada. Mas, sobretudo, o professor deve saber propor atividades que possibilitem formar alunos-leitores que saibam processar um texto e avaliar sua textualidade e coerência; que também saibam coenunciar juntamente com o autor do texto; mas que, igualmente, saibam que não só é possível, mas necessário saber posicionar-se criticamente frente a um texto, ou seja, é preciso que saibam que um texto não é um objeto sagrado e que, por conseguinte, pode ser contestado.



A partir dessas reflexões sobre leitura, temos compreendido que se faz necessário um trabalho diferente com textos em sala de aula, no intuito de romper com as práticas e os saberes já cristalizados sobre a imagem que o aluno tem do que deve ser um texto e daquilo que deve ser o trabalho com o texto em sala de aula, sem contar que uma mudança na visão de que o texto é “objeto sagrado” inquestionável, pronto e acabado, é fundamental para que se possa compreender o trabalho aqui descrito.

4. Práticas de leitura e de escrita na sala de aula

O projeto de intervenção foi desenvolvido em quatro etapas, cada etapa tem em si objetivos específicos e se adequam ao objetivo principal de todo o projeto que é o de desenvolver práticas de leitura e de escrita, na perspectiva discursiva, sobre o distrito de Guariba.

Na primeira fase do projeto, trabalhamos com práticas voltadas à oralidade através de rodas de conversa com a turma e entrevistas com membros da comunidade. Na roda de conversa que iniciamos, solicitamos que os alunos se apresentassem dizendo: nome, idade e o local em que nasceram, depois foram respondendo às perguntas sobre por que razão suas famílias vieram residir em Guariba. Muitos alunos relataram que suas famílias vieram para Guariba em busca de melhoria na condição financeira e também pela vontade de ter um sítio, ou chácara ou até mesmo fazenda.

No decorrer desses relatos, os alunos foram manifestando suas percepções acerca das similaridades entre as trajetórias das suas famílias, diziam: “ih, professora igualzinho lá em casa”, ou então, “o pai dele parece o meu com essa vontade de ter terra”. Percebemos, também, o uso recorrente da palavra “recomeçar” nas narrativas dos alunos. O dizer do aluno se insere em uma rede de sentidos de que Guariba é lugar para recomeçar, refazer a vida, reconstruir. Como afirma Orlandi (2011) o sujeito acredita ser a fonte exclusiva do seu dizer, quando na verdade retoma um sentido preexistente. Assim, o interdiscurso, o já-dito que sustenta todo o dizer, significa no processo de imigração “começar de novo”, desse modo Guariba torna-se, para os sujeitos-alunos, uma terra de oportunidade.



Dando continuidade às práticas do discurso oral em sala, estruturamos um questionário junto com os alunos para entrevistar moradores antigos de Guariba, bem como, juntos decidimos quem entrevistar.

Para a Análise de Discurso as narrativas orais não são apenas descrições de fatos. Orlandi (2016, p. 21) defini narrativa/narratividade como “a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços determinados, consoantes a específicas práticas discursivas”. Dentro desse quadro teórico, passamos a olhar para as respostas dadas pelos entrevistados como sendo um lugar simbólico onde se tocam a memória, o sujeito e a língua.

Após a realização das entrevistas, criamos um momento em sala de aula de socialização. Discutimos com os alunos a partir da percepção deles das semelhanças que viam entre o que eles mesmos tinham relatado no primeiro encontro, sobre os motivos que fizeram suas famílias virem para Guariba, e as respostas dadas pelos entrevistados. Foram várias as observações dos alunos, comentaram sobre a pretensão que os entrevistados mostraram de ter uma melhoria nas condições de vida através do trabalho e da propriedade de terras. Ressaltaram que os entrevistados viam o lugar em desenvolvimento, uma vez que falam de como era antigamente e apontam o que já mudou e melhorou. Por fim, os alunos contaram como era aqui quando eles mesmos chegaram e o que já aparece de diferente.

Na segunda etapa, desenvolvemos leituras de diferentes materialidades significantes que tratam de Guariba, da relação do sujeito com o espaço em que vive, de maneira a construir com os alunos um arquivo de leitura. Assim, trabalhamos com a leitura de mapas, de textos históricos, de textos jurídicos, textos literários, filme, fotografia, hino oficial do município e pesquisas de vários verbetes em dicionários.

Segundo Orlandi (1995, p. 35),

A AD trabalha não só com as formas abstratas, mas com as formas materiais da linguagem. E todo processo de produção de sentidos se constitui em uma materialidade que é própria. Assim, a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente.



Dessa maneira, vimos que a linguagem que se apresenta em sua forma material intervém na constituição dos sentidos que damos a elas, de forma que, ao selecionarmos textos de materialidades tão diversas, como por exemplo um mapa em relação a um texto jurídico, podemos observar as maneiras como os sentidos se constroem para o aluno na medida em que ele vai tendo maior contato com as diferentes formas de significar. Daí investimos na expansão do arquivos de leitura com os alunos, de maneira que eles explorassem textualidades diversas e que, com elas, pudessem significar Guariba de maneiras diferentes, uma vez que retomamos que *o sentido se faz em relação à*.

Na terceira etapa, trabalhamos com fotografias dos espaços públicos no distrito, unindo a isso a construção de legendas, gestos de interpretação de cada imagem selecionada. O objetivo foi o de propor que o aluno desenvolvesse leitura das imagens e se colocasse como autor das fotografias e das legendas. Por fim, na quarta etapa, nos preparamos para a produção de um vídeo que relatasse um pouco sobre o lugar e sua história com base em nossas discussões e leituras em sala de aula, de maneira a mobilizar o arquivo construído.

4.1 O trabalho com produção de vídeo: uma nova forma de ser autor

Antes da produção do vídeo, consideramos importante trabalhar com eles a leitura de vídeos, ampliando o contato deles com essa materialidade significativa, para assim irmos nos preparando para produzir o nosso, de maneira que alguns vídeos vistos passaram a compor o arquivo de leitura dos alunos.

Conforme Dias C. (2014, p. 12), “a conectividade é um elemento do laço social contemporâneo e dos processos de identificação dos sujeitos”. Assim, então, pensando nesse sujeito morador de Guariba, que se encontra na fronteira entre o urbano e o rural, assim como pensando nesse sujeito aluno que se encontra em contato com a conectividade, mas ainda tocado por práticas cristalizadas de ensino e aprendizagem, dentro de um fazer pedagógico de caráter autoritário, procuramos, com essas experiências com vídeos, propor uma nova maneira de ser autor, rompendo com a escrita de textos que seriam lidos apenas pelos professores e criando a possibilidade de expor os gestos de interpretação dos alunos a um número muito maior de sujeitos.

A partir dos estudos de Gallo (2012), passamos a trabalhar com a autoria fora do formato que é comum aos alunos, com textos narrativos ou dissertativos escritos na/para a



escola. Passamos a pensar juntos como é ser autor dentro dessa nova perspectiva de informações em rede, criado pela internet, ao que a autora chama de *novas fronteiras para a autoria*. Ela nos traz, primeiramente, a noção de fronteiras simbólicas na perspectiva da Análise de Discurso:

Ao trabalhar com fronteiras simbólicas, o interesse não são os indivíduos, mas sim os sujeitos (em corpos simbólicos imaginários), que se fazem no movimento de identificação e rejeição de sentido no discurso (Ibidem). Dessa forma, deve-se pensar o lugar que ocupa o aluno na escola, o lugar da escrita na/para a escola e a condição de autor desse aluno ao produzir nessas condições específicas da instituição. Nesse sentido, Gallo (2012, p. 57) reforça que a escola não valoriza a discursividade oral e também que:

Fixamo-nos em uma discursividade escrita, e tudo o que não se parece com a escrita, legitimada, que conhecemos dos livros e das publicações, não vale como produção legítima. Produzimos muitos “textos” no nosso percurso pela escolarização, mas nada do que produzimos tem sido publicável. Essa escrita produzida na Escola, eu considero uma grafia, que não chega a ser escrita. Ou seja, é simplesmente a transcrição de uma oralidade (imaginária), que não chega a ser legitimada, que não chega a ser publicada, não chega a ter o efeito de autoria.

Para Gallo, como vimos, nada na escola é publicado e nada na escola circula porque, pretensamente, os textos produzidos não atingem o nível formal necessário para sua legitimação. Dessa maneira, percebemos que há a necessidade de rompimento com o discurso de caráter autoritário que é vigente na escola, pois ele não permite o que a autora chama de ‘atravessamento’ das fronteiras sociais, históricas e ideológicas que envolvem o sujeito em sua posição de autor.

Na atualidade há outros meios de circulação de textos, aos quais a autora chama de novas mídias, que são os espaços discursivos da internet, neles podemos encontrar uma ruptura com os lugares institucionais criados e consolidados de autor e leitor. A autora afirma ainda que a composição dessa rede discursiva forma a chamada memória metálica e, nela, temos uma retroalimentação na composição dos dados, de maneira que quem produz o que circula somos nós mesmos, que inserimos nossas vozes nesse espaço virtual, representando assim um deslocamento na função autor que é trabalhada na escola.



Não fica garantido, porém, que apenas a existência dessa possibilidade de construção de arquivo faça com que o poder mude de lugar nas relações, mas o que vemos é uma outra possibilidade de circulação para os textos. Diante dessa nova possibilidade, vemos que as fronteiras institucionais que recobrem a produção de um texto ficam mais sensíveis à mudança, há uma nova perspectiva aberta no trabalho com o texto e com a autoria, pois o texto passa a ser público, mas não na forma da velha mídia, como sendo um discurso de escrita oralizado (GALLO, 2012).

Nessa compreensão, selecionamos alguns vídeos do Youtube que tratam de Guariba, os levamos para sala de aula como um material de leitura e, a partir do que assistimos, fomos conversando tanto sobre as discursividades sobre o local, como também sobre o formato dos vídeos. O primeiro vídeo assistido, “Colniza no Jornal Nacional”^{vii}, foi um recorte de uma reportagem sobre uma enchente que assolou a região de Colniza, causando alagamentos, fazendo com que Guariba ficasse isolado do restante do Município. Nessa reportagem, retratam uma realidade que é vivida todos os anos pelos moradores da região: estradas intransitáveis por causa dos atoleiros; pontes submersas pelos rios; falta de produtos de alimentação por causa do não abastecimento que é feito através das estradas.

Os alunos foram vendo o vídeo e comentando sobre o que já viveram nessas situações de excesso de chuva, foram colocando seus gestos de interpretação. Alguns observaram que, o modo como Guariba é mostrado no vídeo, fica parecendo que “o lugar é muito feio, ruim para se viver”. Percebe-se aí então que o aluno tem uma imagem de Guariba e que essa não é a que ele viu retratada na notícia do vídeo. No processo de constituição dos sentidos são produzidas imagens dos sujeitos e dos objetos simbólicos, o aluno tem uma imagem construída sobre o local em que vive e ela é fruto da relação dele com o lugar em si e com as percepções que se constroem na relação do sujeito com as outras formações imaginárias. Podemos perceber isso nos comentários que se seguiram: “nem é assim que é aqui, fica parecendo pior que a verdade”, “Desse jeito o povo nunca vai querer vir pra cá!”.

Pensamos então, com Pêcheux (1995, p. 159), que a ideologia fornece as evidências pelas quais se diz que algo é algo e não outro:



Sob a *evidência* de que “eu sou realmente eu” (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas ideias, minhas intenções e meus compromissos), há o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio: “aquele que...” isto é, X, o *quidam* que se *achará ai*; e é sob diversas formas, impostas pelas relações sociais jurídico-ideológicas. (Grifos do autor).

O autor ainda (Ibidem, p. 160) diz que “as evidências mascaram, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamamos de *caráter material do sentido das palavras* e dos enunciados” (grifos do autor). Então, ao ser interpelado em sujeito pela ideologia, o aluno em questão está sujeito às evidências que a ideologia lhe fornece, de maneira que a imagem que ele faz do local em que vive, é fruto de sua subjetividade, que mantém relação direta com a historicidade que o envolve. Assim, entendemos que o aluno vê Guariba a partir daquilo que ele vivencia no local e, se é um local de ‘recomeçar’, para o aluno, ele não pode ser um local abandonado, ou pobre, ou mesmo ‘feio’, porque a imagem que o aluno tem do local é aquela que se vincula ao refazer da vida, ao emprego, à oportunidade. Percebemos, então, que entre o Guariba conhecido, lido e vivido pelo aluno e o da reportagem, há uma distância simbólica, de maneira que há a negação por parte do aluno “nem é assim que é aqui”.

O segundo vídeo visto com os alunos nesse encontro, “Péssima condição da estrada entre Colniza e Guariba/MT”^{viii}, trata também sobre as péssimas condições das estradas de Guariba a Colniza. Também nele vemos a denúncia e a cobrança político-social feita pelo morador. O último vídeo a que assistimos, chamado “Conheça um pouco de Guariba, por Luiz Paulo Machado”^{ix} foi feito por um morador do local que apresenta o distrito através de fotos do centro que aparecem as empresas, ruas, escolas, ou seja, de imagens dos pontos urbanizados do local.

Em seguida, trabalhamos um documentário produzido por alunos, que foi desenvolvido no PROFLETRAS chamado “Memórias de uma escola”. Orlandi (2011) considera o documentário como um objeto de arte e um objeto memorial, um acontecimento discursivo. Segundo a autora (2011, p. 58): “Ao fazer do que recorta um objeto simbólico, o documentário, enquanto discurso, produz um acontecimento, que é aquilo que ele significa. Produz um recorte do real que é tomado como um acontecimento. Mexe na relação com o esquecimento. Produz efeito de memória”.



O documentário traz a historicidade que envolve a Escola Estadual Apolônio Bouret de Melo, em Paranatinga-MT. O que chama a atenção é o fato de que o documentário foi produzido pelos próprios alunos do 9º ano da escola, mostrando assim que os alunos não estão ocupando um lugar de passividade em seu processo de aprendizagem. O objetivo em assistir esse documentário, foi o de mostrar aos alunos que é possível falar sobre o local em que se vive de maneira a fugir do pré-construído, produzindo sentidos outros sobre Guariba, procurando compreender o local pela sua historicidade e não pelos sentidos já determinados nas redes sociais ou jornais.

Depois desse contato com diferentes maneiras de utilização dos vídeos, desenvolvemos então o trabalho de construção do vídeo documentário. Utilizamos os estudos realizados com os alunos durante as leituras e experiências do projeto. Recorremos às materialidades discursivas trabalhadas: textos escritos, fotografias, música, entrevistas, mobilizando o arquivo construído. Organizamos o trabalho juntos, dividindo a turma em equipes, realizamos muitos encontros no contraturno para tratarmos do roteiro. Os alunos decidiram abordar sobre Guariba sem mencionar os problemas das chuvas, ou qualquer outro, como vimos nos vídeos assistidos. Eles quiseram abordar outras questões como o surgimento de Guariba e outros assuntos trabalhados no decorrer da intervenção. Decidiram, então, fazer um vídeo apresentando Guariba para as pessoas que não o conhecem, de maneira que outros aspectos fossem ressaltados que não fossem a violência, a lama, o atoleiro e os problemas ambientais, presentes nas discursividades sobre a localidade. Isso porque as pesquisas realizadas, com os alunos, no Youtube e no Google, sobre Guariba só aparecem brigas na rua, péssimas condições das estradas, homicídios na região, atoleiros, crimes ambientais, enchente, assassinatos, problemas ambientais entre outros.

Depois disso, selecionamos os alunos para a primeira gravação, em conjunto construímos o roteiro, montamos as sequências de filmagem, as falas (suas escritas e reescritas) que apareceriam no vídeo, os alunos se reuniram e discutiram entre si o que queriam ou não apresentar no documentário. Quando se sentiram seguros com o que tinham feito, partimos para as gravações. A partir do que foi decidido, fizemos diversas gravações para as falas escritas pelos alunos e juntos fomos escolhendo os trechos, formando assim o corpo do documentário. Depois disso, foi dado início ao processo de



edição. Após muito trabalho, idas e vindas, refações do vídeo, chegamos a um produto que agradou aos alunos e eles consideraram pronto o trabalho. O vídeo leva o nome de “Guariba-MT, pelo olhar dos alunos”^x.

No vídeo, observamos o efeito do arquivo de leitura construído na disciplina como as fotografias, as entrevistas realizadas com moradores e algumas filmagens em movimento do centro de Guariba que eles fizeram. Durante as cenas aparece a narração de um texto elaborado pelos alunos sobre Guariba e de fundo a música “Deus e eu no sertão”, de Vitor e Léo^{xi}, que juntos com as imagens vão tecendo sentidos para o distrito de Guariba. O efeito de fecho foi dado com algumas informações sobre o trabalho realizado, em forma de um letreiro e, por fim, com o nome dos alunos autores do vídeo. O vídeo produzido pelos alunos significa uma tomada de posição, uma tomada da palavra para dizer o que significa o espaço de Guariba. Pudemos ver na análise do vídeo que essa tomada da palavra se dá no confronto do discurso representado pela mídia. A seguir, trazemos dois recortes do vídeo produzido para análise, o enunciado que abre o vídeo e a música, que foi trilha sonora.

O vídeo se inicia com uma pergunta: “Guariba-MT, que lugar é esse?”. Os alunos iniciaram com uma indagação como um convite a conhecer o local. Para Grantham (2017), os sinais de pontuação são sinais discursivos e defende a ideia de que “eles sinalizam para o leitor um lugar propício para interpretação, para gestos de leitura”. Sobre a interrogação, a autora afirma:

Retomo também uma reflexão em que afirmo que a interrogação marca um espaço de silêncio, pois há algo que não é dito ali – e, portanto, algo falta no intradiscurso – mas, paradoxalmente, aponta também um espaço de significação – pois introduz uma “injunção à resposta”, uma necessidade de responder. A esse tipo de silêncio denomino de discurso de injunção 2: o sujeito abdica do direito de dizer e sinaliza-o pela interrogação, deixando ao interlocutor a obrigação de dizer, através de uma resposta.

Em um vídeo divulgado no Youtube, pensar em “injunção à resposta”, pode ser compreendido também como uma maneira de aproximar o local (Guariba) a quem o assiste, envolver o interlocutor no processo de descoberta daquilo que se pode compreender sobre Guariba. Talvez envolver o interlocutor de maneira a despertar nele uma inquietação que o provoque a ver o vídeo e a conhecer o local. Ainda, Grantham (2017) afirma que:



Nessa perspectiva, o leitor de uma interrogação não apreende simplesmente um sentido que está no texto – já que a pergunta não lhe oferece esse sentido – mas produz, atribui sentidos ao texto. Uma interrogação, nesta medida, mobiliza o dizer do outro; e este, pelo processo discursivo da leitura, ancora-se no interdiscurso.

Então, quando os alunos abrem o vídeo com a interrogação dão um primeiro passo no sentido de tocar o interlocutor e mobilizar seu pré-construído (se houver) sobre Guariba.

A música “Deus e eu no sertão”, de Vitor e Léo, trilha sonora do vídeo, é uma exaltação à felicidade de se viver “no sertão”, no interior.

Deus e eu no sertão
(Vitor e Léo)

Nunca vi ninguém viver tão feliz
Como eu no sertão
Perto de uma mata e de um ribeirão
Deus e eu no sertão
Casa simplesinha, rede pra dormir
De noite um show no céu
Deito pra assistir
Deus e eu no sertão
Das horas não sei, mas vejo o clarão
Lá vou eu cuidar do chão
Trabalho cantando, a terra é a
inspiração

Deus e eu no sertão
Não há solidão, tem festa lá na vila
Depois da missa vou ver minha menina
De volta pra casa
Queima a lenha no fogão
E junto ao som da mata
Vou eu e um violão
Deus e eu no sertão...

(Fonte: <https://www.lettras.mus.br/victor-leo/79703>)



Esses sentidos da trilha sonora reverberam para o distrito de Guariba, também como um bom lugar de se viver. Desde a melodia à letra essa música é uma poesia sobre a vida no campo. A vida cheia de felicidade por se viver em meio a beleza da natureza no sertão, mata, ribeirão, terra, céu etc. Descrevendo a rotina da zona rural, a satisfação em trabalhar na terra, a simplicidade das coisas, a festa na vila, a missa, a namorada, a música, enfim uma vida feliz e tranquila.

Ao falar de “sertão”, a trilha sonora remete a um lugar no campo, considerado uma área distante dos centros urbanos e das zonas agrícolas, uma região pouco habitada, promovendo um deslizamento de sentidos para o distrito de Guariba, como um lugar bom para se viver, para ser feliz. Assim, podemos perceber que o sujeito-aluno mostra essa leveza do lugar, a sua beleza, suavidade, frescor que reside justamente em ser um lugar de gente feliz. A música e as imagens em movimento das ruas, do comércio, das instituições e das pessoas que moram em Guariba apresentam um lugar que se constitui pelo rural e urbano. A música também propõe um deslocamento interessante em relação aos vídeos assistidos em sala, que apresentavam Guariba como um lugar de violência e de abandono do poder público por conta das estradas na época das chuvas. Percebemos, desse modo, que o sujeito-aluno é interpelado pelo discurso de que o interior é um lugar tranquilo, seguro e cheio de belezas naturais que trazem felicidade.

Segundo Pêcheux (1997), todo mecanismo de funcionamento do discurso pressupõe a presença de formações imaginárias. Esse mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos e do objeto do discurso. O sujeito-



aluno estabelece uma imagem de si para dizer, assim ele fala da posição de dentro e não de fora, do lugar de quem conhece o lugar, que conhece sua história. A imagem que ele faz de seu interlocutor é a de que ele não conhece o distrito, apenas os sentidos veiculados pela mídia, que estabelecem aspectos negativos ao lugar.

Breves considerações

No início do trabalho como vimos, os alunos referiam-se ao lugar onde moram como algo pejorativo, esse foi um dos motivos que nos levou a propor uma intervenção para trabalhar o distrito de Guariba. Na proposta de leitura e escrita sobre Guariba, construímos um arquivo de leitura com diversas materialidades discursivas e procuramos trabalhar de forma a criar espaços de interpretação na sala de aula, para que os alunos pudessem construir sentidos. Após o trabalho, os alunos produziram um vídeo sobre Guariba e pudemos observar, ao analisar o vídeo, que o sujeito-guaribense é interpelado por uma ideologia de uma região do interior e afetado pelas discursividades de que o interior é um lugar sossegado, tranquilo, terra de oportunidade, trabalho, assim, ele se identifica com o distrito de Guariba, que eles tomam como o espaço urbano e não como rural, embora essa fronteira não seja fechada. Uma vez que o distrito está em processo de desenvolvimento, buscando sua emancipação para se tornar cidade.

Durante o trajeto percorrido pelo sujeito-aluno durante o processo da intervenção, observamos que a leitura do arquivo sobre Guariba



proporcionou um deslocamento da posição-sujeito dele sobre o espaço do distrito, de “buraco”, como o distrito era referido, passa para “nosso lugar” e, vemos nessa mudança de posição, que embora o local continue com suas características de antes, a maneira como o aluno lê esse local, foi tocada pelo reconhecimento de uma outra forma de se relacionar com o espaço, através do conhecimento de sua historicidade e dos processos que envolvem a subjetividade dos sujeitos que vivem no local.

Referências

DIAS, C. O sujeito e as mídias: a discursividade do digital na educação. In: Silva, Albina Pereira Pinho; SANTOS, Leandra Inês Seganfredo; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel (Org.) **Educação e tecnologias digitais da informação e comunicação**: discursos, práticas, análises e desafios. Cáceres_MT: UNEMAT Editora, 2014. P.45-56.

GALLO, Solange Leda. **Ensino da língua escrita x ensino do discurso escrito**. 1989. 138f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1990.

_____. **Novas fronteiras para autoria**. Organon, Porto Alegre, n° 53, julho-dezembro, 2012.

Disponível

em:

<https://seer.ufrgs.br/organon/article/download/35724/23306>.



GRANTHAN, Marilei Resmini. É agora José? A pontuação pelo viés das noções de falta e excesso. In.: **Revista Fórum**, vol. 14. Florianópolis, SC, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14nespp2501>, Acesso em 29/04/2018.

INDURSKY, Freda. Estudos da linguagem: a leitura sob diferentes olhares teóricos. In: TFOUNI, Leda Verdiani (Org.) **Letramento, escrita e leitura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2011.

LAGAZZI, Suzy. Materialidade e Memória. Cadernos do CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares), NECOIM (Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória) da UnB. Brasília, 2007.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

_____. Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória. In.: ORLANDI, Eni. P. (Org.). **Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos sujeitos**. Pouso Alegre: Univás; Campinas: RG Editores, 2016.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. **Cidade dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **A linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso**. 6ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

_____. Os sentidos de uma estátua: espaço, individuação, acontecimento e memória. In.: **Entremeios: Revista de estudos do discurso**. V.1, n.1.



Campinas – SP, 2010. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em 23 de janeiro de 2016.

_____. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PAYER, Maria Onice. Desfocando imagens urbanas sobre o campo na enunciação em enciclopédia. In. ORLANDI, Eni P. (Org.) Para uma enciclopédia da cidade. Campinas-SP: Pontes, Laberub/Unicamp, 2003.

PÊCHEUX, Michel. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi 2ª. edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

PINA, José H. A.; LIMA, Osmar A. de; SILVA, Vicente de P. **Município e distrito: um estudo teórico**. V. 3, Nº 6. 2008. In. Campo-Território: revista de geografia agrária. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11851>

Acesso em 15 de janeiro de 2017.

ⁱ Pra saber mais sobre esse trabalho, consulte: LIMA, Débora da Cruz. **Práticas de leitura e de escrita, na perspectiva discursiva, sobre o distrito de Guariba**: assunção da autoria e processos de identificação do sujeito. Dissertação. (Mestre em Letras). 147 f. Programa de Mestrado Profissional PROFLETRAS. Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Cáceres, 2018. Disponível em:

http://portal.unemat.br/media/files/profLetrasCACERES/DISSERTA%C3%87%C3%83O-Debora_da_Cruz_Lima-TURMA-3.pdf

ⁱⁱ A noção de arquivo para M. Pêcheux ([1982] 1994) é um conjunto de documentos disponíveis e pertinentes sobre uma determinada questão.

ⁱⁱⁱ O distrito possui uma área estimada em 13.772,869 Km² e uma população de aproximadamente 6000 pessoas.

^{iv} Guariba possui duas escolas, uma municipal e outra estadual, que atendem desde a pré-escola até o ensino médio.

**REVISTA ECOS**

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ UNEMAT

Programa de Pós-graduação em Linguística/ UNEMAT

Centro de Estudos e Pesquisas em Literatura

Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem

^v Para Orlandi (2007, p. 12), a materialidade significativa é plural, e os sentidos não são indiferentes a matéria significativa. Por isso, a proposta foi trabalhar com uma materialidade diversa, como mapas, música, filme, vídeos, entrevistas, dentre outros.

^{vi} Pedagogismo como compreende Orlandi (2008, 36), que é acreditar em soluções pedagógicas (técnicas) para resolver problemas, sem considerar as questões sócio-históricas mais amplas que envolvem as questões do ensino de língua.

^{vii} O vídeo pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=hLjHrs-Q8qc>

^{viii} O vídeo pode ser acessado: <https://www.youtube.com/watch?v=pq9t7IM9k18&t=10s>

^{ix} Acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=-5rt1m8CDWs&t=43s>

^x Para acessar o vídeo, veja o link: <https://www.youtube.com/watch?v=I6QFSDWxn-s&t=10s>

^{xi} A trilha sonora do vídeo dos alunos pode ser vista no link:

<https://www.lettras.mus.br/victor-leo/797038/>